

## Editorial / *Editorial*



*Compreender o que a obra de arte diz a alguém, é certamente um encontro consigo mesmo.*

(Hans-Georg Gadamer)

*A*rte, cultura, educação: *mutações* expressa um veio do interesse editorial da revista *Educação*, que entende o diálogo com a arte e as manifestações culturais uma condição decisiva para a formação. Uma criação de si, capaz de proporcionar a criação de vínculos ético-políticos em um mundo definitivamente plural, não dispensa as provocações da arte e os infinitos mundos que ela abre.

É próprio da experiência com a arte a suscetibilidade às interferências: materiais, objetos, peças, episódios, situações e vivências estéticas, experimentados em sua contingência, produzem efeitos que podem colocar em movimento a relativa estabilidade do sujeito que os experimenta. Confrontar-se com esse movimento e negociar com as possibilidades que ele abre convoca formas de racionalidade muitas vezes pouco usuais e projeta o sujeito em uma jornada formativa incomparável.

Mutações surgidas em qualquer dos universos da cultura – na arte, ciência, educação, por exemplo – farão sentir seus efeitos ressoando em todas as direções, contagiando os outros campos, abrindo espaço e apelando para modos singulares de se pensar e produzir o presente. Atentar para essas mutações e aprender com esses movimentos, eis a tarefa que se impõe aos sujeitos, se quisermos continuar sendo contemporâneos de nós mesmos.

O Dossiê reúne artigos de pesquisadores notáveis, que retomam, sob perspectivas diversas, alguns dos temas mais cruciais da arte-educação, decorrentes do enfrentamento de questões levantadas pela arte. Se partilharmos das provocações propostas pelos autores, em muito é porque concordamos com uma ideia de Marcel Duchamp, que diz: “Eu creio que a arte é a única forma de atividade pela qual o homem como tal se manifesta como verdadeiro indivíduo. Por ela, somente, ele pode ultrapassar o estado animal, porque a arte é uma saída para regiões onde não domina nem o tempo nem o espaço.”<sup>1</sup> Esse artista pensador nos ajuda a compreender o sentido da pluralidade que emerge quando somos sensíveis à arte. Reconhecemos e admitimos a potência que a arte tem de proporcionar experiências de estetização profunda e consistente, quando consentimos em fazer da fruição e da interpretação um exercício sério de produção de sentidos.

Contrariamente ao que pode supor uma leitura apressada, o movimento identificado por Arthur Danto como “fim da arte” não significa o fim do trabalho do artista, mas apenas o fim de uma certa história da arte, ou seja, o fim de uma representação realista do mundo, como ocorreu desde os helenistas até os pintores realistas franceses do século XIX. A partir do modernismo, com pinceladas mais esboçadas e o uso da cor como expressão da subjetividade, ao lado das tecnologias e da reprodutibilidade, impõem-se progressivamente a abstração e o conceito. Esse movimento traz uma espécie de abandono do trabalho manual, do toque do artista, em favor da ideia, independente de quem a executa. Esboroam-se os critérios universais de qual seria a melhor forma para fazer arte, emergindo um pluralismo exacerbado. As próprias perguntas sobre “o que é arte” ou se “isso é arte” deixam de ter o significado que tinham até então. Versões essencialistas, institucionalistas, domésticas, pós-históricas – entre outras – emergem, reforçando essas falsas impressões do fim da arte ou de que tudo-tanto-faz. Aos poucos, temos tido que aprender a lidar com o peso do limite, com a força da finitude da nossa existência e compreensão. Aos poucos, temos tido que aprender que é justamente essa condição finita que faz com que proliferem infinitas compreensões – cada

uma e todas elas singulares e plausíveis. Aos poucos, temos tido que aprender que o plural é uma coleção infinita de singulares.

Esse pluralismo está também presente nas sociedades contemporâneas e em diversos âmbitos da ciência e da cultura, confrontando e rompendo com nossas mais arraigadas estruturas conceituais, antropológicas, éticas e sociais. Temos que concordar que as condições objetivas dessa diversidade acabam operando como geração e geradoras de uma espécie de liberdade subjetiva que tem dupla face: por um lado, fortalecem a potência dos indivíduos, permitindo a emergência de inumeráveis caminhos interpretativos; por outro, enfraquecem esses mesmos indivíduos, colocando-os diante da finitude de sua capacidade compreensiva. Danto, por exemplo, defende o pluralismo no âmbito da arte, rejeitando a estética da forma em favor de uma estética do sentido. Seguindo essa ideia, nossos esforços deveriam se concentrar na busca de sentido, na interação com a obra de arte e na interpretação.

A educação certamente é afetada por esses movimentos que desestabilizam os fundamentos e igualmente recolocam a pergunta pelo sentido de educar e formar. Em particular, considerando os temas abordados neste número da revista, o ensino da arte, o trabalho de mediação nos museus e nas exposições, a relação com os objetos culturais e o próprio campo da arte-educação se veem confrontados com os desafios teóricos e práticos trazidos pelas mutações. Nossa provocação pretende engrossar essas fileiras, fazendo um esforço para que o *élan* transformador da arte possa ampliar a cultura estética, produzir outros modos de entendimento e permitir a reinterpretção do sentido da educação na perspectiva de uma razão sensível.

Nessa abertura interpretativa, o Dossiê apresenta ao leitor um conjunto de produções acadêmicas revelador das possibilidades da arte e da arte-educação que se movimentam entre a instituição e a subversão de sentido, entre a construção e a destruição. Desejamos que a leitura seja um convite à conversação, capaz de manter vivo o interesse pelos profundos nexos entre cultura, arte e educação.

MARCOS VILLELA PEREIRA  
NADJA HERMANN

#### NOTA

- <sup>1</sup> “Je crois que l’art est la seule forme d’activité par laquelle l’homme en tant que tel se manifeste comme véritable individu. Par elle seule, il peut dépasser le stade animal, parce que l’art est un débouché sur des régions où ne domine ni le temps, ni l’espace.” DUCHAMP, Marcel. **Duchamp du signe (suivi de Notes)** – édité par Michel Sanouillet et Paul Matisse. Paris: Flammarion, 2008. (*Tradução dos editores*)